

A representação da mulher negra na comunicação: uma análise do filme Estrelas Além do Tempo

Alice Diniz Rocha*

RESUMO

Este artigo aborda uma análise crítica da comunicação no filme Estrelas Além do Tempo, levando em conta a posição da mulher negra na sociedade e o contexto que está inserido. Pretendeu-se abordar a história do feminismo negro e a relação entre cultura, sociedade e comunicação. Como metodologia foi escolhido o estudo de caso, a partir da análise do filme, relacionando-a à teoria estudada, e análise qualitativa de conteúdo. O objetivo é entender o quanto a comunicação espelha a sociedade e como é importante avaliar os acontecimentos da história para desenvolver um produto midiático. Para o campo de estudo da Comunicação, o qual hoje ainda não existe muitas produções nesse sentido, a finalidade é mostrar como a comunicação ajuda na retratação dos movimentos históricos e na quebra de paradigmas culturais.

Palavras-chave: Feminismo Negro. Cultura. Comunicação.

ABSTRACT

This article addresses a critical analysis of communication in the movie Estrelas Além do Tempo, taking into account the position of black women in society and the context that is inserted. It is intended to address the history of black feminism and the relationship between culture, society and communication. As the chosen methodology, the case study, based on the analysis of the film, relating it to the theory studied, and qualitative content analysis. The goal is to understand how communication mirrors society and how important it is to evaluate the events of history in order to develop a media product. For the field of study of Communication, which today still does not exist many productions in this sense, the dissipation is to show how communication helps in portraying historical movements and in breaking cultural paradigms.

Keywords: Black Feminism. Culture. Communication.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é analisar de forma crítica como os aspectos figurativos e comportamentais foram usados para reforçar a comunicação no filme Estrelas Além do Tempo, a fim de retratar a vida da mulher negra no contexto histórico e social da época representada. Além disso, pretendeu-se entender o quanto a comunicação espelha a sociedade e como é importante avaliar os acontecimentos da história para desenvolver um produto midiático.

*Graduanda em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC). Orientada pela Profa. Me. Adelina Martins de La Fuente.

Foi escolhido esse filme como objeto empírico, por ser baseado em fatos reais e contar a história de três mulheres negras protagonistas de um momento histórico e importante na Guerra Fria, quando os Estados Unidos e a União Soviética estavam disputando a superioridade na corrida espacial. Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson lutam dia após dia no trabalho para mostrarem o seu potencial e serem reconhecidas, além de enfrentarem o preconceito racial e questões da vida pessoal de cada uma.

Até pouco tempo, era raro encontrar filmes com mulheres negras protagonistas em posições sociais de destaque, principalmente devido aos seus papéis que, geralmente, se resumiam a trabalhos considerados subalternos e que viviam em periferias. Recentemente, com todas as conquistas femininas e raciais, a comunicação se mostra essencial na quebra de paradigmas culturais, transmitindo o que antes seria inaceitável para àquela sociedade.

A relação entre sociedade e comunicação foi estudada com base em autores como França (2001), Baldissera (2011) e Santaella (2001), assim como a história dos movimentos feministas de acordo com Garcia (2015), Bourdieu (2005), Carneiro (2003), entre outros. A partir dos textos desses autores buscou-se uma melhor apreensão sobre os assuntos abordados na pesquisa, a fim de realizar uma análise completa e sustentada.

Como metodologia para desenvolvimento da pesquisa, foi escolhido o estudo de caso a partir da análise do filme, relacionando-a à teoria estudada. A técnica escolhida para a pesquisa foi análise qualitativa de conteúdo.

Sendo assim, com esse estudo pretende-se trazer uma nova perspectiva para o campo da Comunicação, mostrando o quanto é importante entender o contexto social e cultural para a produção de um material midiático. Além disso, mostrar que um filme pode apresentar-se como um objeto rico de análise além do cinema, alcançando todas as áreas de estudo da comunicação.

2. A HISTÓRIA DO FEMINISMO

De acordo Garcia (2015), o androcentrismo considerou o homem como a medida de todas as coisas, isto é, tudo o que acontecia era determinado conforme a perspectiva masculina. Os resultados generalizavam os homens e as mulheres e, por isso, essa tendência distorceu a realidade. Foi levada adiante pelos estudos científicos afetando, como por exemplo, os campos da medicina, psicologia e antropologia. Pode-se observar que esse pensamento está diretamente ligado às sociedades patriarcais. Conforme Narvaz e Koller

(2006, p.50) “O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos”.

A mulher durante boa parte da história foi considerada inferior ao homem em relação às diferentes condições de vida e por não possuir os mesmos direitos. Segundo Colling (2014), sem acesso ao poder político, as mulheres não teriam meios de garantir os outros direitos fundamentais para se tornarem sujeitos autônomos. O seu papel na sociedade era doméstico, até mesmo a educação tinha o intuito de prepará-la para exercer as tarefas do lar. A situação era de total submissão aos homens, primeiro ela deveria servir ao pai e quando se casasse, passaria a servir o marido.

Para Bourdieu (2005), a supremacia masculina se inicia no processo de “masculinização” e “feminização” dos corpos, ou seja, mulheres e homens tinham papéis pré-definidos na sociedade de acordo com o sexo que nasciam, o que já ditava como deveriam se portar.

Os direitos civis, políticos e sociais não faziam parte da realidade feminina. Um fator que ilustra esta situação é de que na maioria dos países apenas os homens exerciam o direito ao voto. Em relatos históricos do século XV, apareceram denúncias de opressão sofrida por mulheres. De acordo com Santos (2011, p.84), “o feminismo tem sua origem no século XIX, período em que os povos adotaram cada vez mais a percepção que as mulheres são oprimidas numa sociedade centrada no homem, por meio do legado do patriarcado”.

O feminismo é dado como um movimento filosófico, social e político, que busca estabelecer a igualdade entre mulheres e homens. De acordo com Garcia (2015, p.12), “coexistiram muitos tipos de feminismos com umnexo em comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos.”.

De acordo com os estudos de Santos (2011) e Garcia (2015), datam como influência para o movimento feminista, creditando o contexto social e político, a chamada Revolução Francesa, 1789, e as mudanças que a sociedade enfrentava. As mulheres tinham o desejo de estarem inseridas nessas inúmeras mudanças sociais e de obterem seus direitos como cidadãs.

Ainda segundo os mesmos autores, com a Revolução Industrial, as condições da mulher na sociedade passaram por algumas alterações. Antes vista apenas como um meio de procriação e responsável pelos trabalhos no seu próprio lar, ela ganhou uma nova função fora de sua residência, passando a trabalhar em fábricas. Assim, a mulher adquiriu espaço no

mercado trabalhista, mas ainda não tinha reconhecimento em questões políticas. Além disso, o seu trabalho começou a ter dupla jornada: nas indústrias e em casa, cuidando dos trabalhos domésticos e dos filhos. A partir desta conquista, os movimentos feministas presentes ao redor do mundo foram adquirindo novos êxitos – como direito ao voto, divórcio, educação.

O feminismo pode ser separado em três partes, segundo Garcia (2015). A primeira onda é datada do final do século XIX até meados do século XX, quando as mulheres reivindicavam direitos que já faziam parte da realidade masculina, como o direito ao voto, direito de participar da política e da vida pública como um todo.

Garcia (2015), também explica que as feministas dessa onda se denominavam como *suffragettes*, isso porque o direito ao voto é chamado de “sufrágio”. Nesse período, as mulheres passaram a questionar o papel imposto a elas pela sociedade. No Reino Unido e Estados Unidos, esse movimento ganhou muita força. No Brasil também tivemos “sufragetes”.

Ainda de acordo com a autora, a segunda onda se iniciou na metade dos anos 1950 até meados dos anos 1990. Um fator que marcou esse início foi o concurso para *Miss* nos Estados Unidos em 1968, onde grupos como o *The Redstockings* e o *New York Radical Feminists*, protestaram a objetificação das mulheres em concursos de beleza, os quais defendiam a ideia de que a forma física era mais importante que os pensamentos das mesmas. Nesse momento também surgiram estudos com ênfase na condição da mulher, a teoria central abordava a opressão feminina. Esse é um motivo pelo qual a segunda onda é dada como um movimento mais drástico, já que o feminismo na época – décadas de 1960 e 1970 – era baseado em uma ideia radical da condição de mulheres exploradas em função da sua sexualidade e reprodução.

Conforme Santos (2011), tais questões pautaram as discussões nessa onda e serviram como insumos para buscarem respostas acerca dos motivos para essa situação. As feministas desse movimento estavam cientes das diferenças entre as mulheres de todo o mundo, mas queriam evidenciar o que as tornavam iguais: a opressão sofrida por serem do sexo feminino. A ideia de coletividade surgiu e perceberam que a união entre as mulheres no movimento feminista seria capaz de provocar mudanças significativas na sociedade.

Com base em Santos (2011) e Garcia (2015), a terceira onda, que se inicia na década de 1990, é caracterizada pela busca de total liberdade das mulheres em relação às suas vidas. Em 1993, foi introduzido o conceito de interseccionalidade por Kimberlé Creenshaw, uma forma de citar as diversas formas de opressões sofridas pelas mulheres quanto à classe, sexualidade, raça, comportamento.

A estadunidense feminista negra Kimberlé Crenshaw (2002) conceituou interseccionalidade como uma associação de sistemas múltiplos de subordinação, sendo descrita de várias formas como discriminação composta, cargas múltiplas, como dupla ou tripla discriminação, que concentra problemas e busca capturar as consequências estruturais de dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (GOES, 2019, p. 1)

Ainda de acordo com Garcia (2015), nesse período, feministas buscavam uma forma de não haver um conceito universal a respeito de o que é ser mulher e lutavam em prol de reconhecimento das variedades de experiências e identidades, pregando a diversidade. Entendeu-se nessa fase, a importância de cruzar informações e promover debates que pudessem incluir o maior número possível de mulheres, o que possibilitou uma maior visibilidade ao movimento feminista no mundo. Na terceira onda, também, foi possível compreender que há a possibilidade de discutir e desconstruir comportamentos opressores.

3. A LUTA DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

Os movimentos feministas não surgiram das mulheres mais marginalizadas e oprimidas na sociedade. As mulheres que lutavam por direitos iguais aos dos homens e que cuidavam do lar e dos seus filhos eram, em sua grande maioria, brancas, casadas e de classe média. De acordo com Hooks (2015), se a origem dos movimentos fosse organizada pelas mulheres negras de classe média, os indivíduos não dariam a importância necessária, pelo contrário, iriam criticar e atacar tal atitude. Além disso, a comparação de opressão com as mulheres brancas de outras classes também não poderia ser feita, uma vez que não existia uma base equivalente com a situação social.

Nesse momento, as brancas pobres e as negras que não tinham moradia fixa, filhos ou maridos, não eram totalmente representadas, pois existiam outras questões envolvidas na vida cotidiana. Além disso, precisa-se considerar a situação vivida apenas pelas negras na sociedade.

Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras "a" análise e "o" programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada). (HOOKS, 2015, p. 203)

Avaliando todo o histórico da luta das pessoas de cor, pode-se evidenciar a escravidão. Em cada país a abolição da escravatura aconteceu em um momento diferente, mas destaca-se que ainda perdurou por décadas e, hoje, ainda encontram-se resquícios nas sociedades. De acordo com Almeida (2019), o racismo virou parte da estrutura social, permanecendo vivo no imaginário da população e criando um privilégio do branco. Com o passar dos anos e com os movimentos socioculturais, o racismo se tornou crime, podendo ser considerado também uma imoralidade.

De acordo com Corrêa (2006), o discurso hegemônico sempre foi o de que o negro seria o ideal para o trabalho braçal e o branco, para atividades que demandassem esforço mental, o que legitima desde os tempos de escravidão até hoje a suposta superioridade intelectual de uma raça sobre a outra, uma vez que aos negros foram reservadas as funções baseadas em força física e habilidades manuais. Porém existem registros que contradizem esse discurso, de negros professores, e até mesmo os que sabiam ler, enquanto os senhores não.

A partir desse breve resgate histórico, entende-se que além dos movimentos feministas, as mulheres negras ainda enfrentam opressões relacionadas à sua cor diante a sociedade. De acordo com Carneiro (2003):

O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (CARNEIRO, 2003. s/p.)

Com os movimentos feministas, ocorre o primeiro passo na equalização social, mas para as negras atingirem o mesmo parâmetro que as brancas na sociedade, muitas barreiras socioculturais precisam ser enfrentadas. Segundo Duarte (2012), o movimento negro feminista é fruto da interseção entre o feminismo e movimento negro. Com isso, observa-se que ser uma mulher e de cor, automaticamente insere-se em duas lutas sociais que ainda estão presentes na sociedade contemporânea, além de participarem do movimento feminista, ainda enfrentam discriminação racial.

É possível analisar a luta da mulher negra e todos os momentos históricos envolvidos através dos produtos midiáticos, pois eles refletem traços culturais, sociais e políticos da sociedade. Dessa forma, conseguimos ver a história de diferentes ângulos e identificar o contexto pelo conjunto dessas mídias.

4. A MULHER NEGRA RETRATADA EM FILMES

O cinema é considerado um produto midiático capaz de retratar o contexto, cultura e identidade de uma sociedade. De acordo com Gutfreind (2005), esse meio de comunicação é uma importante ferramenta para a história da comunicação.

Compreendemos, então, o cinema como um suporte para a história da comunicação pela sua capacidade de refletir os comportamentos e as orientações de uma determinada sociedade; além disso, representa um fundamental meio de identificação, uma maneira de agir e de pensar. O cinema é apreendido como um espelho, compreendido aqui no sentido lacaniano de unificação do imaginário que age através de uma imagem semelhante, tanto idealizada ou deformada, quanto fiel às aspirações, às crenças e aos valores que sedimentam uma determinada cultura. Além disso, o cinema é também um receptáculo de modelos nos quais podemos nos inspirar, fazendo emergir aspirações reprimidas e juntando os indivíduos em torno de imagens repletas de simbolizações. Dessa forma, os filmes devem ser compreendidos de maneira analítica, mas, ao mesmo tempo, histórica. (GUTFREIND, 2005. p. 48)

A partir disso, pode-se observar que, no início da história cinematográfica e seguindo o contexto histórico, os filmes enalteciam o homem enquanto a mulher branca era representada através do olhar masculino, sendo sexualizada como objeto de desejo. Já a mulher negra, existia uma ausência em sua representação.

Com o passar dos anos e com o avanço dos movimentos sociais feministas, a mulher negra ganhou espaço no cinema em papéis subalternos de acordo com o estereótipo da sociedade. De acordo com Silva (2020), esta imagem é vendida principalmente em forma de filmes como: a escrava, a empregada doméstica, a sofredora, a dona de casa, a casada que sofre violência doméstica de seu marido, a solteira, a amante, a sensual, a pobre, a “barraqueira”, a favelada, a esperta, a associada ao mundo do crime, a amiga da protagonista, mas nunca protagonizada.

A valorização do branco continuava em primeiro plano com o protagonismo, reforçando qual era o lugar da mulher negra na sociedade e fora das telas, uma vez que os filmes estavam espelhando a cultura. Devido à escravidão em todo o mundo, essa cultura não era localizada ou exclusiva de um único país. O importante era que todos soubessem que o branco era o bonito e o exemplo a ser seguido. Segundo Araújo (2010), a televisão contribui fortemente com a propagação estética do “segmento eurodescendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento.” (ARAÚJO, 2010, p. 27).

Com a força dos movimentos feministas negros e a luta globalizada, a mulher negra começou a ser representada em alguns filmes como protagonista e em papéis de destaque como, por exemplo, no filme *Estrelas Além do Tempo*, objeto empírico de estudo para essa pesquisa. Essa mudança na comunicação é algo recente na sociedade e que ainda está em

construção. O cinema, além de não levar em consideração toda a diversidade do seu público, não representa a visão do negro na sociedade e, muito menos, suas lutas, apagando momentos importantes que atualmente já não podem ser comprovados ou relatados como fatos históricos.

5. COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

A comunicação está presente desde o início das relações sociais, pois é a partir dela que transmitimos uma mensagem, nos conectamos com outros indivíduos e trocamos informações. Esse processo permite que as culturas sejam compartilhadas entre as sociedades de todo o mundo e, com isso, criamos vínculos de pertencimento com iguais.

Por isso, entende-se que a comunicação é um objeto muito amplo de estudo e que é possível usá-la para compreender movimentos sociais, políticos, religiosos, econômicos e culturais. Ainda hoje, com todos os desdobramentos da contemporaneidade, pode-se avaliar a comunicação através de diferentes perspectivas.

Ao estudar os Paradigmas da Comunicação, França (2001) afirma que é possível observá-la através de duas vertentes, o processo comunicacional e os meios de comunicação. Não se pode avaliar a comunicação através de apenas um segmento, pois sintetizar todo o campo comunicacional em um olhar é excluir inúmeras práticas. Além disso, pode-se analisar a comunicação junto a outros estudos e áreas. Nesse sentido, França (2001, p. 5) afirma que “Exagerando um pouco, poderíamos dizer que dificilmente, hoje, uma análise de qualquer dos aspectos da vida social vai prescindir da referência aos meios de comunicação e aos fluxos de informação”.

Esses dois métodos são capazes de identificar a troca de informações entre sujeitos, papéis sociais que cada indivíduo interpreta na sociedade, decifrar os signos e produzir sentidos, revelar quais os interlocutores e distinguir o contexto e panorama sociocultural. A partir deles, a análise da comunicação pode-se desenvolver através de inúmeras perspectivas.

De acordo com Santaella (2001), no século XXI, os meios de comunicação entraram na era da transformação de todas as mídias em transmissão digital, conectando, quase que em tempo real, bilhões de pessoas em todo mundo. Tirando as distâncias e barreiras, todos os indivíduos conseguem se comunicar entre si, sendo emissores e receptores das mensagens. O receptor nunca se apresentou passivo, mas, com o avanço da tecnologia, conseguiu um lugar para se posicionar quase que em tempo real.

Vem daí o papel central que os fenômenos da comunicação passaram a desempenhar em todos os setores da vida social e individual e o papel fundamental que a comunicação como área de conhecimento está fadada a desempenhar em muitas outras áreas, e não apenas naquelas que lhe são vizinhas: da biologia à economia, da inteligência e vida artificiais à antropologia, da filosofia à etnologia etc. (SANTAELLA, 2001, p. 2)

A comunicação é um processo que está presente em todos os momentos da vida e, para analisar qualquer episódio é necessário usá-la para entender de fato quais foram os movimentos ocorridos para que as informações fossem repassadas adiante e quais os feitos sociais. França (2001), também discorre sobre qual deve ser o olhar da comunicação, “A especificidade do olhar da comunicação é alcançar a interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sócio-cultural (o contexto)” (FRANÇA, 2001, p. 16).

É a partir da intersecção dessas três dinâmicas que podemos entender que a comunicação, a cultura e a sociedade são conceitos que andam juntos, se complementando para explicar ocorrências históricas e atuais, em todos os segmentos. Além disso, com essa triangulação, observa-se que o movimento midiático se constitui na disputa de poder, ou seja, quem detém o poder consegue produzir a mensagem de acordo com o próprio interesse. Com o sistema patriarcal, a mídia é feita pelos homens, o que justifica como as histórias femininas foram silenciadas ao longo dos anos e ainda hoje manipuladas de acordo com o interesse masculino.

A interdependência entre comunicação e cultura também é discutida e avaliada por Baldissera (2011):

A cultura marca profundamente sua comunicação, isto é, a comunicação constitui-se em manifestação cultural; está na cultura e nela encontra sua possibilidade de realização. Cada grupo cultural realiza a comunicação de maneira particular, mesmo que possa ser muito semelhante às manifestações que ocorrem em outras culturas. (BALDISSERA, 2001. p. 54)

Pela comunicação, a cultura é propagada para todos os indivíduos e, a partir disso, sabem os seus direitos e deveres com a sociedade que pertence e encontram os seus pares em locais distintos do mundo. Com os meios de comunicação, essa disseminação se torna cada vez mais fácil e rápida, podendo se tornar fonte de consulta a todos.

Com o passar dos anos, as ocorrências históricas ficam salvas através da comunicação, podendo ser estudadas em qualquer época futura. Também, é através dela que a cultura é transformada. Quando um grupo social não se identifica mais com a cultura que está inserido, é possível modificá-la ou criar uma nova através da comunicação.

6. A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇA CULTURAL DA SOCIEDADE

As transformações socioculturais ao longo da história foram se edificando para chegarmos à sociedade contemporânea. Segundo Morin (2011, p. 19), “As sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através das interações celebrais/espirituais entre os indivíduos”.

A linguagem e o contexto das relações entre os indivíduos são pontos essenciais para que a comunicação agregue ainda mais como instrumento de mudança cultural. Reforçando a tese de Morin (2011), França (2001) articula sobre como o processo comunicativo pode ser um grande aliado às transformações na sociedade “Trata-se portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura” (FRANÇA, 2001, p. 16).

De acordo com Baldissera (2011), a comunicação tanto pode se realizar com tendência a manter uma dada cultura, quanto no sentido de transformá-la. Além disso, também cita o sujeito capaz de influenciar a cultura, “Se é verdadeiro que a cultura influencia fortemente o sujeito, é igualmente verdadeiro que esse, como força, exerce-se no sentido de influenciá-la, transformá-la, corroborá-la, reproduzi-la” (BALDISSERA, 2011, p. 56).

Existe uma relação de interdependência entre os dois conceitos, sendo capazes de influenciar e impactar diretamente na prática um do outro. O autor também fala sobre como a cultura afeta os processos comunicacionais e, ao mesmo tempo, como a comunicação fomenta as mudanças sociais.

Outro aspecto a ressaltar é o fato de que a cultura procura instituir-se mediante processos comunicacionais, isto é, comunica e se faz reconhecer potencializando assim sua propagação e permanência. Entretanto, também é pela comunicação que a cultura sofre violência, precisa redimensionar-se, transformar-se. Ao mesmo tempo, a comunicação potencializa/fomenta a reprodução cultural e a constrange para que se revitalize, regenere. (BALDISSERA, 2011, p. 60)

Com isso, entende-se que a comunicação é um instrumento de mudança cultural na sociedade, uma vez que está propagando as mudanças, movimentos, ocorrências, relacionamentos e avanços em todas as áreas para os indivíduos que nela pertencem. Além disso, é necessário que a comunicação esteja de acordo com o contexto inserido, para que seja aceita culturalmente naquele momento por todos os receptores.

7. A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

De acordo com França (2006), pode-se observar que no início, os primeiros meios de comunicação, chamados *mass media*, tinham caráter unilateral e quem detinha a informação era o emissor. O receptor era passivo, uma vez que recebia a mensagem e não tinha o poder de feedback ou ser coautor dos relatos. Com o passar dos anos e com a criação de novos meios, esse processo passou a ser multilateral, todos os indivíduos tendo o poder de serem emissores e receptores da mensagem.

Esse novo processo proporcionou grandes avanços na comunicação entre os indivíduos. Fatos antes não relatados ou alterados por quem detinha a informação, as elites donas dos meios de comunicação de massa, passaram a ser divulgados de várias formas e pontos de vistas diferentes. Sodré (1999) aborda como essas elites manipulavam as informações a ponto de esconder da população que o racismo era realmente um problema social enfrentado por muitos na sociedade.

Principalmente com a criação das redes sociais, todos os movimentos sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais têm sua propagação e abrangem mais indivíduos através dos meios de comunicação. O papel desempenhado por eles ajuda na formação de opinião e aderência na mudança. O feminismo e a luta racial também foram impulsionados pela comunicação.

Sob esse panorama geral, devemos ressaltar ainda a participação dos meios de comunicação para a propagação de quaisquer ideologias fundamentadas em revoluções que priorizam as minorias sociais. Ao passo que as mídias também foram fundamentais para fixar determinadas implicações sobre identidades de gênero, baseadas no determinismo biológico, elas também auxiliaram na difusão dos discursos feministas. Os atuais recursos midiáticos disponíveis permitem o encontro de ideias que podem ou não serem mediados e equilibrados. Notícias que, há poucos anos, eram consideradas inadmissíveis, tais como conquistas científicas realizadas por mulheres, cargos políticos importantes destinados ao público feminino, entre outras, hoje possuem espaço de destaque em jornais, revistas e canais televisivos. (MEDEIROS, 2015, p. 31)

O cinema, como já dito anteriormente, retrata o contexto, cultura e identidade de uma sociedade. Com isso, observa-se que os filmes também mudam a representação da mulher e do negro nas narrativas, passando a terem papéis mais importantes e protagonistas, até mesmo relatando fatos históricos com posições de destaque.

A partir dessa análise teórica sobre a comunicação, pode-se concluir que uma informação, antes veiculada pelos meios de comunicação de massa, atualmente já não pode

ser manipulada para calar as minorias. Uma vez que, essas também são coautoras dos fatos e conseguem interagir com o conteúdo apresentado, mostrando outros lados da verdade.

Para analisar e entender os impactos do feminismo negro ao longo dos anos foi necessário estudar os contextos sociais, culturais, políticos e comunicacionais a partir da revisão bibliográfica. Dessa forma, visou-se uma neutralidade analítica, mostrando como os acontecimentos foram se desenvolvendo, quais as ocorrências iniciais, suas circunstâncias e desdobramentos.

A partir da revisão bibliográfica feita anteriormente, o objeto empírico escolhido foi analisado com uma visão crítica, atentando a todos os aspectos figurativos e comportamentais que foram usados para reforçar a comunicação e contexto da época representada.

8. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia escolhida para analisar o filme *Estrelas Além do tempo* foi o estudo de caso com base na pesquisa exploratória. Para Yin (2005), um estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderam não estar claramente evidentes, e aponta para o projeto e a coleta de dados. De acordo com Toletto e Shiaishi (2009), outro momento de sua aplicação é na observação de questões que são de natureza mais exploratória, lidando com relações que se configuram no tempo e no contexto em estudo e não podem ser simplesmente resolvidas com dados quantitativos (TOLETO, SHIAISHI, 2009, p. 105).

A partir de dois tipos de análises, foram avaliadas todas as informações observadas no filme. A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1977), possui a função primordial do desvendar crítico e tem uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação. Captou-se como referência a análise crítica, mas, ao invés do conteúdo, a escolha foi de utilizar a análise qualitativa de conteúdo, porque através dessa maneira de avaliação foi possível cruzar as informações das revisões bibliográficas com o filme.

Já a análise documental é o uso dos documentos, escritos ou não, na análise científica. Esse tipo de estudo foi usado para avaliar diretamente o filme, acrescentando a dimensão do tempo à compreensão dos fatos abordados, dos movimentos sociais e do contexto da época abordada na narrativa. Além disso, através dessa análise foram consideradas as críticas publicadas em sites referências para materiais cinematográficos.

O filme foi assistido diversas vezes ao longo da escrita desse artigo, a cada parte escrita um novo olhar crítico. Foi importante avaliar cada ponto da revisão bibliográfica dentro da narrativa e do contexto representado. As percepções foram documentadas em todo o processo para que a análise fosse feita de forma completa e autoral.

Os métodos de pesquisa escolhidos, junto com a revisão bibliográfica, buscam abranger todos os pontos comunicacionais do filme, avaliando o impacto do contexto sociocultural na elaboração dos produtos midiáticos, como a comunicação espelha a cultura e a sociedade que está inserida e as conquistas das mulheres negras que não foram destacadas ao longo dos anos. Sob a luz do referencial teórico, foi feita uma análise geral dos principais achados os relacionando à narrativa do filme. E, por fim, apresentadas as considerações finais levando em conta tudo o que foi demonstrado no artigo.

9. ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

O filme *Estrelas Além do Tempo*, escolhido como objeto empírico de análise para esse artigo, foi lançado em 2016 nos Estados Unidos e contou com a direção de Theodore Melfi. O longa-metragem traz a tona uma história real que estava escrita por Margot Lee Shetterly. A obra narra a história de três amigas cientistas, com alto intelecto e negras, Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, que trabalhavam na *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) no ano de 1961.

Na época retratada pelo filme, existiam leis de segregação racial em vigor no país, política que separava indivíduos de uma mesma sociedade em grupos por critérios raciais, seja em lugares públicos ou privados. Por esse motivo, existiam dois departamentos separados para os negros e os brancos na empresa o que desencadeava uma série de ações racistas pelos colaboradores brancos. Além disso, o ambiente da NASA era majoritariamente masculino e, com isso, as amigas sofriam preconceito diariamente e eram questionadas sobre a inteligência e capacidade que possuíam. Com passar do tempo, se mostraram peças-chaves no lançamento em órbita do astronauta John Glenn. Essa conquista mudou a corrida espacial durante a Guerra Fria e transformou o futuro da ciência aeroespacial em todo o mundo.

O livro *Tertúlia de ensaios e poéticas sobre Educação, Tecnologias e Comunicação* cita sobre o objeto empírico escolhido e faz uma análise panorâmica sobre a comunicação, tecnologia, linguagem, cinema e contemporaneidade das cenas da narrativa. De acordo com a autora Pereira (2020), o longa apresenta várias cenas de apatia com os negros e a dominação

do homem branco, reforçando a segregação racial e o contexto vivido naquela época. Além disso, a autora reforça que a história real ficou conhecida por milhares de pessoas apenas após o filme ser publicado. A narrativa estava em relatórios antigos e no livro escrito por Margot Lee Shetterly, o alcance foi mínimo.

A linguagem verbal e não verbal usada na narrativa reforçava em todas as cenas o preconceito com o negro, soberania do homem branco, luta da mulher negra por reconhecimento, diferenças salariais e oportunidades que cada segmento da sociedade possuía em meio ao mercado de trabalho.

10. LINGUAGEM, CONTEXTO E INTERLOCUÇÃO NO FILME

A narrativa possui pontos marcantes para análise da comunicação e linguagem. A história começa mostrando as três amigas a caminho da NASA e, nesse momento, são paradas por um policial homem e branco. Quando questionadas para onde estavam indo e o que estavam fazendo, desconfiança e superioridade são sentimentos já demonstrados pela autoridade. O tom usado nas falas das mulheres com o policial transparecem o cansaço e a exaustão do julgamento diário que sofrem. Desde esse momento, é possível observar que trabalhar na NASA gera uma ascensão social.

Quando chegam à empresa, elas vão para uma determinada ala de prédios e se encontram com outras mulheres, também negras. O setor que todas trabalham é considerado como uma calculadora humana, pois fazem os cálculos necessários para a NASA. Importante ressaltar que as computações destinadas às operações importantes são revisadas por homens brancos da empresa, desacreditando que as informações recebidas estão corretas.

Em relação ao trabalho das mulheres brancas na mesma empresa, existe uma diferença, uma vez que ficam em setores e assumem cargos ligados diretamente aos homens brancos e são superiores às negras. No filme, elas ocupam principalmente posições no setor de Recursos Humanos da NASA. A partir desse momento, já conseguimos observar tanto a separação por gênero, como por cor de pele. Reforçando o que é evidenciado por Corrêa (2006), que o negro seria melhor para o trabalho que exige maiores habilidades manuais e, o branco, ideal para atividades que demandassem cargos de ascensão social e habilidades mentais.

Em todas as cenas, o ambiente que possui somente as mulheres negras, é composto por cores mais fechadas, sem muita nitidez, priorizando o preto, marrom, azul marinho e verde

escuro. Já os ambientes frequentados pelas pessoas brancas, significando a perfeição, tinham cores predominantemente claras, como o branco, bege e azul claro. Os tons mais quentes são usados na vida pessoal das três personagens e já os frios quando elas estão na NASA. Ajudando no desenvolvimento da narrativa, as cores são utilizadas para contribuir com os climas e sensações propostos pelo diretor.

Quando a personagem Katherine Johnson mostra o seu talento com a matemática e é realocada para o setor responsável pelos cálculos do lançamento do homem ao espaço, a primeira indicação é de como ela deve se vestir, usando colar de pérolas. O salário recebido por ela não era suficiente para comprar o colar, mas Kath não se deixou abalar com isso, continuou entregando o que era solicitado.

Nos primeiros dias de trabalho com o novo time, a personagem recebia as informações riscadas para não saber o que estava acontecendo e era olhada estranhamente pelos seus colegas, todos homens brancos. Colocaram uma garrafa térmica que sempre estava vazia, para Kath não utilizar a mesma que eles. Cenas muito importantes do filme para mostrar o que estava sendo vivido pela personagem representava que ao longo dos seus dias de trabalho, quando precisava ir ao banheiro, corria por mais de um quilômetro até o banheiro de pessoas de cor, no prédio localizado do outro lado da empresa. A análise de Carneiro (2003) mostra que o racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, o que é enfatizado por estas cenas descritas acima.

Kath, quando questionada sobre o motivo de fazer pausas durante o seu dia, pois ninguém ali tinha direito a isso, já estava exausta daquela situação vivida. Ao argumentar com sentimentos de exaustão, falou o que estava acontecendo desde que mudou para a equipe: nova garrafa, banheiro em outra ala e o fato do salário que ela recebia não dar para comprar o tão pedido colar de pérolas.

Fora da NASA, quando as três mulheres vão para a casa ou igreja, é possível observar que o ambiente é todo frequentado pelas pessoas da mesma etnia. Em cenas que brancos e negros estão no mesmo ambiente, devido à situação política e social vivida na época, os lugares para os negros ficarem estão sempre demarcados com placas e setores.

A cena em que Dorothy Vaughn, uma das três amigas protagonistas, entra na biblioteca para procurar um livro sobre máquinas de cálculos e o segurança informa que aquela não é sua área, demonstra que uma negra não poderia ter aquele tipo de educação. O homem pede para a mulher se retirar daquela área e devolver o livro escolhido, mas ela acaba levando escondido para a casa por precisar desse conhecimento, a fim de não ser demitida da

empresa e trabalhar em uma nova área em que sistemas de processamentos de dados da IBM - *International Business Machines Corporation* – são colocados para realizar os cálculos. Quando o novo sistema apresenta erro, nenhum dos homens brancos destinados à operacionalizar o equipamento conseguem resolver o problema, o que iria impactar no investimento realizado pela NASA. Dorothy é a única pessoa da empresa que consegue solucionar o que estava acontecendo, garantindo um novo posicionamento dentro da empresa.

Já a personagem Mary Jackson, tentando ser promovida e assumir o cargo de engenheira na NASA, precisou acionar a justiça para conseguir uma liminar a fim de entrar na universidade que só era destinada para homens brancos. Após uma audiência judicial, conseguiu essa liberação e foi uma conquista muito marcante tanto no meio profissional, como no pessoal.

Essas questões marcadas sutilmente ou de forma nítida pela linguagem verbal e não verbal servem para reforçar a segregação racial vivida na época representada e o contexto social. Toda a comunicação pensada e estruturada para a narrativa contou com pontos muito essenciais para que análises como essa fossem visíveis e perceptíveis. Além disso, conversou diretamente com as circunstâncias em que os relatos estão inseridos na história. Araújo (2010) contribui com o seu estudo sobre o tema dizendo que os meios de comunicação ajudam a reforçar a ideia de que as pessoas brancas são superiores às negras.

Para os diretores e o roteirista do filme, a produção do conteúdo é feita tentando passar os fatos com total fidelidade ao que foi estudado sobre a vida das três mulheres retratadas. Já os receptores do produto midiático buscam entender o que aconteceu naquela época através de todos os elementos comunicacionais usados no longa-metragem. O reconhecimento entre os interlocutores do processo acontece de fato pelo momento vivido hoje na sociedade, em que a história da mulher é muito discutida e a população negra está conquistando um espaço antes inimaginável.

A causa e consequência se mostram mais uma vez necessárias para a comunicação alterar a cultura e, de forma reversa, o quanto a sociedade hoje aceita produções como essa sendo veiculadas nos canais de comunicação e no cinema. Pautas sociais que impactam a economia, cultura e política em todo o contexto mundial atual.

11. RELAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

O filme foi produzido no ano de 2016, o que pode demonstrar o quanto a história demorou a ser relatada em meios de comunicação de massa. Estava escrita em livros e

registros, mas não era conhecida por grande parte da sociedade mundial. O cinema é um importante meio para reforçar uma cultura, influenciar comportamentos e propagar conhecimento, visto que a sociedade atual tem mais facilidade de absorver conteúdos por imagem e som. Reforçado por Gutfreind (2005), é um suporte importante para a comunicação, auxiliando na maneira de agir e pensar da sociedade.

Ao mesmo tempo, é possível avaliar que o contexto social que vivemos atualmente consegue receber e dar visibilidade a esse tipo de conteúdo. Uma vez que os movimentos feministas e raciais estão em discussão, os meios de comunicação possibilitaram que todos os lados da interlocução pudessem ser ouvidos e amparados por outros indivíduos que se identificam com o que se é dito. Importante salientar que o filme foi dirigido por um homem branco, Theodore Melfi, e que a visão deste também foi representada, uma vez que o ator Kevin Costner representa um personagem que está autorizando as mulheres negras entrarem no mundo das pessoas brancas e extinguindo a segregação racial existente na empresa. O quadro relacional, a produção de sentido e a situação sociocultural descritos por França (2001), demonstram o quanto a comunicação se faz cada vez mais importante para a evolução ao longo dos anos e o quanto a correlação entre esses pilares são importantes para que a sociedade consiga se reinventar quantas vezes forem necessárias.

A supremacia branca sempre foi divulgada e estava em primeiro plano em todos os meios comunicacionais que temos, principalmente nos de massa. A população negra, por não estar em posições de poder na sociedade, não tiveram fatos relatados e protagonizados. O que foi perdido ao longo do tempo na história por falta de relato ou até mesmo apagado por falta de representatividade dos negros. Quando eram citados, existia sempre uma opressão e submissão ao branco. Evidenciado por Morin (2011) quando ele diz que as interações entre os sujeitos ajudam a conservar, formar e transmitir uma cultura e manter uma sociedade existente. Por isso, o que foi mantido por anos reforçou o racismo estrutural e a falta de acesso aos meios unilaterais de comunicação, não ajudaram para a quebra de um sistema vivido por séculos.

Os meios comunicacionais, principalmente na atualidade, possuem o poder de influenciar diariamente a sociedade, ocasionando mudanças que antes demorariam muitos anos para chegar à maior parcela de indivíduos. A dinâmica da informação percorre um caminho jamais imaginado e fatos, que antes que seriam omitidos, são evidenciados em questões de segundos para milhões de pessoas em todo o mundo. Como uma manifestação cultural, a comunicação está levando a todos os movimentos sociais, econômicos, políticos,

criando grupos de colisão e estando em constante evolução. Baldissera (2011) reforça a via de mão dupla entre a sociedade e cultura, estando intimamente interligadas.

A comunicação é instrumento de mudança social e cultural. Além disso, auxilia a troca de informações entre áreas distintas, auxiliando em estudos, reconstrução histórica e desenvolvimento humano. Portanto, para criar um produto midiático é preciso entender o contexto que está inserido, quem são os interlocutores, a cultura da sociedade onde será veiculado e qual a linguagem será utilizada.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O longa-metragem escolhido serviu como um objeto para análise da história, comunicação, cultura e contexto. Foi possível observar que todos esses elementos se conectam e são de extrema importância para a criação de um produto que faça sentido para a sociedade que está inserido. Caso fosse feito em outra época da história, não teria a repercussão e importância que teve atualmente devido à forma que a narrativa seria construída, visto que os fatos seriam ainda mais focados na visão do homem branco sobre o que de fato ocorreu.

O objetivo desse artigo foi analisar de forma crítica como os aspectos figurativos e comportamentais foram usados para reforçar a comunicação no filme *Estrelas Além do Tempo* e, ao estudar toda a história que está por trás da representação do filme, pode-se concluir que a narrativa tentou traduzir o que realmente se passava na época. A linguagem verbal e não verbal utilizada reforçou a estética proposta, com as cores bem definidas nas cenas, tom de voz dos personagens, vestuário, posições sociais e as relações profissionais.

Através da revisão bibliográfica, foi identificado como a comunicação ajuda na retratação dos movimentos históricos e na quebra de paradigmas culturais. Para o campo da Comunicação, esse artigo explorou um novo olhar sobre as perspectivas estudadas atualmente, trazendo o contexto cultural para análise em primeiro plano junto ao desenvolvimento do produto midiático.

O presente artigo é uma proposta de análise na relação da comunicação, cultura e sociedade para a produção de materiais midiáticos, mas outros estudos nessa área se fazem importantes, contribuindo para a relação entre os temas e criando uma base necessária para a discussão. Além disso, consiste um passo primordial para entender o contexto dos interlocutores envolvidos na comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ARAÚJO, Joel Zito. **Onde está o negro na TV pública brasileira?** In: ARAÚJO, Joel Zito (Org). O negro na TV pública. Brasília: FCP, 2010.
- BALDISSERA, Rudimar. **A comunicação no (re) tecer da cultura organizacional**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n. 10, 2011.
- BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.
- BATISTA, Waleska Miguel. **A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural**. Rev. Direito Práx., Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, pág. 2581-2589, outubro de 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-89662018000402581&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de set. 2020.
- BOURDIEU, P. (2005). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledés, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, pág. 117-133, dezembro de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2020.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2014.
- CORRÊA, Laura Guimarães. **De corpo presente: o negro na publicidade**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte.

DE FARIA, Ana Rosária Borges et al. **Tertúlia de ensaios e poéticas sobre Educação, Tecnologias e Comunicação**. Ria Editorial, 2020.

DOS SANTOS, Jucélia Bispo. **Novos movimentos sociais**: Feminismo e a luta pela igualdade de gênero. Revista internacional de direito e cidadania, n. 9, p. 81-91, 2011.

DUARTE, Rebeca Oliveira. **Mulher negra e interseccionalidades**: uma proposta de análise política das identidades para o feminismo negro. [s.n], Disponível em: <<http://www.slideshare.net/observatorionegro/mulher-negra-e-interseccionalidades>>. Acesso em: 22 set. 2020.

FRANÇA, Vera. **Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação**. Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, p. 61-88, 2006.

FRANÇA, Vera. **Paradigmas da Comunicação**: conhecer o quê?. C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, [S.l.], n. 05, jan. 2001. ISSN 1519-0617. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>>. Acesso em: 14 oct. 2020.

GARCIA, Carla. **Breve história do feminismo**. 3.ed. São Paulo : Claridade, 2015.

GOES, Emanuelle. **Interseccionalidade no Brasil, revisitando as que vieram antes**. Blogueiras Negras, October, v. 8, p. 2019, 2019.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **O cinema como objeto de comunicação histórica**. Revista Fronteiras - estudos midiáticos. Vol. VII Nº 1 - janeiro/abril 2005.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras**: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 193-210, 2015.

LIMA, Mariani Carolina. **A exclusão da mulher negra nos filmes de grande bilheteria do cinema brasileiro**: um olhar sobre a estrutura social na narrativa. Trabalho de

Conclusão de Curso - Curso de Cinema e Audiovisual. Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MEDEIROS, Maria Elisa Reinaldo de. **# NãoTiraOBatomVermelho**: como o vlog JoutJout Prazer contribui para a propagação do feminismo nas redes sociais da internet. 2015.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as idéias-habitat, vida, costumes, organização. Sulina, 2011.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado**: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, pág. 49-55, abril de 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 25 de outubro de 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Novos desafios da comunicação**. *Lumina-Facom/UFJF*, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2001.

SILVA, Ana Caroline. (2020). **A mulher negra e o cinema comercial**: uma análise sobre direito, corpo social e esteriótipos. *Revista Direito e Sexualidade*. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36862/21109>>. Acesso em: 21 set. 2020.

SILVA, C. V. DA. **Mulheres, Raça e Classe**. *SER Social*, v. 19, n. 41, p. 543-547, 6 fev. 2018.

SILVA, Bianca Cristina Batista da. **A representatividade da mulher negra no cinema hollywoodiano**. 2017. 33 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Editora Vozes, 1999.

TOLEDO, L. A., & Shiraishi, G. D. F. (2009). **Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas**: Um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso. *Revista da FAE*, 12(1), 103-119.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.